

Vale Pincel 2: história de uma incursão acidental

■ NELSON ALMEIDA ■ JOÃO MAURÍCIO ■

RESUMO Nem sempre os trabalhos arqueológicos são pensados com a antecedência necessária, sendo necessário aos arqueólogos trabalhar em situações limite. A intervenção realizada no sítio Vale Pincel 2 é uma dessas situações. Foi necessário conseguir um diagnóstico urgente da realidade arqueológica, conciliar as opiniões de todas as entidades intervenientes e, fundamentalmente, tomar as medidas de minimização necessárias para que o património arqueológico não fosse prejudicado neste processo. Este episódio teve como epílogo positivo o facto de centrar as atenções num local de grande importância arqueológica, que se encontrava algo esquecido.

ABSTRACT Archaeologists are not always granted enough time, and often have to work under very difficult conditions. The field work at the Vale Pincel 2 site was one of those situations.

An urgent archaeological diagnosis was required; the views of all the organizations and institutions involved had to be taken into account and, above all, the adequate mitigation measures had to be taken, in order to ensure the preservation of the archaeological heritage. This episode's positive epilogue was the fact that it called attention to a relevant archaeological site that had been somewhat forgotten.

A intervenção realizada no sítio Vale Pincel 2 (Fig. 1) deveu-se ao acompanhamento das obras a cargo da Transgás Atlântico, empresa que estava a construir o terminal de gás natural e respectivos depósitos de armazenamento, no Porto de Sines. A construção deste terminal interferiu com a esteira de transporte de carvão que abastecia a central de produção de energia eléctrica situada nesta zona. Tornou-se imprescindível, para a continuação das obras de construção do terminal de gás natural, a alteração do traçado da esteira de transporte. A equipa de arqueologia da Transgás foi contactada para proceder à prospecção e acompanhamento das obras de construção da esteira em Março de 2000. Iniciamos os trabalhos com a obra já a decorrer.

O traçado alternativo da esteira atravessava uma área de eucaliptal e foi por nós prospectados, por razões que nos foram alheias, já numa fase dos trabalhos em que se procedia à desmatagem de toda esta área. Desta prospecção foi possível verificar que numa das áreas do traçado existia abundante material cerâmico (Fig. 2) e algum material lítico. A área de dispersão de material abarcava cerca de 5 hectares, ultrapassando em muito a área do corredor previsto para a construção da esteira e o próprio eucaliptal, por onde esta última passava.

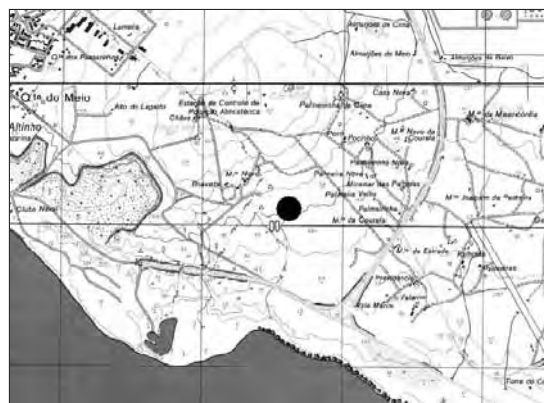


FIG. 1 – Localização do sítio arqueológico na C.M.P. n.º 526, Esc. 1:25 000.



FIG. 2 – Materiais cerâmicos mais representativos recolhidos durante a prospecção de superfície: 1-11 – Taças; 9 e 4 – Potes; 5 e 12 – Taças carenadas.



FIG. 3 – Movente e dormente de moinho manual encontrados na área preservada da estação arqueológica.

Na área que não tinha sido afectada pelo plantio de eucaliptos foi possível verificar a presença abundante de materiais arqueológicos, nos quais se incluíam um grande número de dormentes e moventes de mós manuais (Fig. 3). Tendo em conta os resultados da prospecção de superfície mandámos parar imediatamente as obras na área da estação arqueológica.

De forma a ter uma melhor compreensão da realidade arqueológica com a qual estávamos a lidar optou-se por fazer uma sondagem de diagnóstico, logo no dia seguinte, no centro do traçado previsto para a passagem da esteira de transporte.

Esta sondagem permitiu-nos definir três camadas arqueológicas distintas nesta área (Fig. 4). A diferença entre a camada 1 e a camada 2 assenta apenas na quantidade de matéria orgânica existente na primeira, uma vez que o tipo de sedimento que as constituiu é o mesmo. O material arqueológico encontrava-se distribuído indiscriminadamente desde a superfície da sondagem notando-se no entanto, uma maior concentração na base da camada 2 (Fig. 5). A camada 3 apresenta-se já estéril em materiais arqueológicos. Posteriormente, verificou-se que esta estratigrafia se repetia em todos os cortes analisados variando, todavia, em termos de espessura das camadas e de tonalidade dos sedimentos.

Os dados recolhidos nesta sondagem, conjugados com os resultados da prospecção, levaram-nos a contactar o Instituto Português de Arqueologia. A consulta da base de dados deste

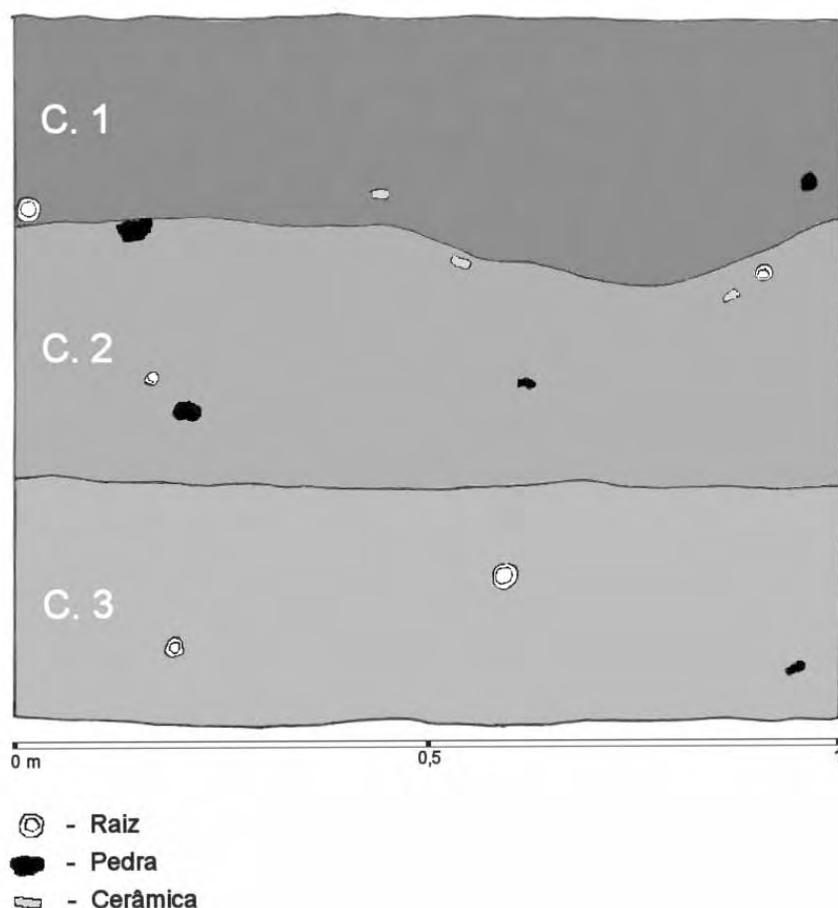


FIG. 4 – Corte estratigráfico da Sondagem n.º

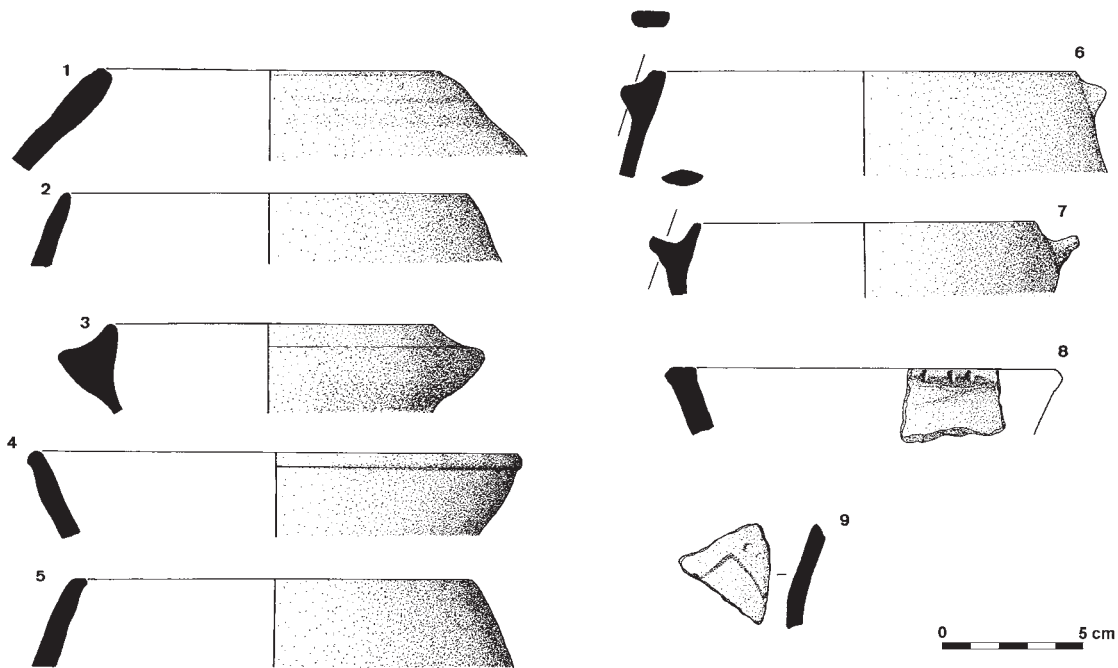


FIG. 5 – Materiais cerâmicos mais representativos recolhidos na camada 2 da sondagem n.º 1: 1-7 – Potes; 3, 4 e 8 – taças; 9 – Fragmento de bojo com decoração.

Instituto permitiu-nos verificar que este local já tinha sido referenciado. Ficamos a saber que se tratava do povoado neolítico de Vale Pincel 2, localizado pela equipa do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal (Ferreira, Tavares da Silva, Lourenço e Sousa, 1993). Na posse destes dados optou-se por marcar uma reunião com os responsáveis da Transgás Atlântico: Eng. Stephan Huisman e Eng. João Torneiro, do Instituto Português de Arqueologia: Dr. António Faustino e com o Dr. Carlos Tavares da Silva e Dra. Joaquina Soares do Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, responsáveis científicos pela estação. Como resultado desta reunião chegou-se as seguintes conclusões:

1. A área afectada pela obra de construção da esteira de transporte correspondia a uma área densamente ocupada por eucalipto.
2. O plantio deste eucaliptal teria sido precedido de uma preparação do terreno, recorrendo a uma lavra profunda (cerca de um metro).
3. O estrato arqueológico, segundo o Dr. Carlos Tavares da Silva e Dra. Joaquina Soares, e como se pôde comprovar na sondagem por nós realizada, estaria situado entre os cinquenta e sessenta centímetros de profundidade.
4. Como conclusão lógica dos pontos anteriores, o estrato arqueológico, na área ocupada por eucaliptos, teria sido irremediavelmente afectado, perdendo-se o seu valor científico.

Ficou definido que se procederia ao acompanhamento do arranque das raízes dos eucaliptos de forma a verificar se ainda existia alguma área conservada.

Durante este acompanhamento não foi localizada nenhuma área conservada, o que é perfeitamente perceptível não só pelas lavras realizadas para o plantio, como pela densidade e distribuição das raízes dos eucaliptos que inviabilizam a preservação de qualquer estrato

FIG. 6 – Aspecto dos cortes após o arranque das raízes dos eucaliptos e respectiva limpeza.

arqueológico (Fig. 6). De forma a verificar este facto, em cada zona de arranque de raízes, procedeu-se à realização de uma limpeza de corte. O acompanhamento arqueológico ficou concluído com o desenho e fotografia dos seis cortes resultantes deste trabalho. O Museu de Arqueologia e Etnografia de Setúbal, na pessoa da Dra. Joaquina Soares, procedeu também ao levantamento fotográfico e gráfico destes cortes.

O processo realizado em Vale Pincel 2, teve um início atribulado, visto não ter sido feito todo o trabalho de preparação que antecede o início de qualquer obra. Em consequência deste facto, o acompanhamento iniciou-se com os trabalhos já avançados, sendo a equipa de arqueologia confrontada com o problema da obra interceptar uma estação arqueológica importante, facto que é de lamentar. Nesta situação, a equipa de arqueologia serviu de elo de ligação com os arqueólogos que trabalham na zona. Durante os contactos realizados com estes investigadores foi necessário conciliar pontos de vista algumas vezes discordantes. Porém, todo este trabalho permitiu confirmar que não existiu perigo para o património arqueológico inerente aos trabalhos da Transgás Atlântico. Por outro lado, permitiu alertar a consciência dos investigadores na área para a necessidade de se procederem a trabalhos arqueológicos, na parte conservada desta estação, de indubitável importância para a compreensão do fenómeno neolítico quer a nível regional quer no âmbito nacional. Esta necessidade foi percebida e levou à elaboração de uma candidatura do local ao Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos.

BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, C. J.; TAVARES da SILVA, C.; LOURENÇO, F. S.; SOUSA, P. (1993) - *O património arqueológico do Distrito de Setúbal. Subsídios para uma Carta Arqueológica*. Setúbal: Associação de Municípios do Distrito de Setúbal.